

# O MONUMENTO

ORGÃO DA PROPAGANDA DO MONUMENTO NACIONAL A CRISTO REI

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: SECRETARIA-  
DO NACIONAL DO MONUMENTO A CRISTO-REI  
R. dos Douradores, 57

DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR  
Monsenhor Pereira dos Reis

COMPOSTO E IMPRESSO NA ESCOLA TI-  
POGRAFICA DAS OFFINAS DE S. JOSE  
Trav. dos Prazeres, 34 — LISBOA

## A Mensageira de Cristo Rei

O nome da Irmã Maria do Divino Coração, Superiora do Bom Pastor do Pôrto, é conhecido em toda a Igreja. Escolhida pelo SS.<sup>mo</sup> Coração de Jesus para transmitir ao Santo Padre Leão XIII e o instar a que satisfizesse o ardentíssimo desejo do mesmo Divino Coração, de que o Papa lhe consagrasse o mundo inteiro, tanto os crentes como os pagãos e infiéis, desempenhou-se dêsse encargo com a maior abnegação e com êxito admiravelmente feliz.

E porque esta consagração significava a proclamação e o reconhecimento prático da Realza de Amor de Jesus sobre todos os povos e nações, de quem êle é o único Salvador, a humilde Religiosa ficará ligada para sempre à história do reinado do Divino Coração como figura principalíssima que a nenhum católico é licito ignorar. Não era sua pátria o nosso Portugal. Mas desde que a Providência dispôs que fosse em terra portuguesa que a Superiora do Bom Pastor realizasse a missão sublime a que era chamada, a glória que lhe ilustra o nome de mensageira de Cristo Rei envolve nos seus esplendores o nome também dêsse nosso pequenino torrão, bemfado do Céu, desde o berço, para arauto do reinado de Cristo no mundo.

Obriga-nos, portanto, a gratidão a que exaltámos a sua memória abençoada. Tanto mais quanto, na realidade, exaltar a sua missão é glorificar a misericórdia do SS.<sup>mo</sup> Coração de Jesus e é igualmente, assim o esperamos, concorrer para que a alma de Portugal se abraça ainda em maiores fervores de zelo pela erecção dêsse monumento grandioso com que, numa hora da mais feliz inspiração celeste, sonhou engrandecer a realza amabilíssima do Divino Redentor.

Além disso, um successo recente parece voz do Céu a dizer que Deus quer a glorificação do SS.<sup>mo</sup> Coração de Jesus, pela glorificação da sua serva. Foi o seguinte:

No dia 10 de Novembro de 1944, estando reunido no Cemitério de Paranhos, arrabalde do Pôrto, o Tribunal Eclesiástico que superintende no processo de Beatificação da Irmã Maria do Divino Coração para cumprimento das determinações do Direito Canónico, procedeu-se à abertura do caixão que encerrava já há quarenta e cinco anos os despojos mortais daquela benemérita religiosa.



Irmã Maria do Divino Coração

Presidia ao acto o Venerando Bispo do Pôrto, Sr. D. Agostinho de Jesus e Sousa. Com Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> assistiam os eclesiásticos membros do Tribunal, os operários indispensáveis, e também dois peritos médicos — o sr. professor Carlos de Lima que fôra um dos clínicos da Irmã do Divino Coração na sua última doença, e o sr. dr. Lopes Rodrigues, benemérito director da Assistência aos Tuberculosos do Norte de Portugal.

Aberta a urna e rasgado o caixão de chumbo, appareceu o corpo da Irmã Maria perfeito e incorrupto, e revestido com o seu hábito de Religiosa do Bom Pastor, em que fôra amortalhado.

Pode imaginar-se a surpresa, a comoção e a intensidade de devoção que os assistentes experimentaram perante êste admirável espectáculo de preservação da decomposição cadavérica. Debruçando-se sobre aquêle bendito corpo virginal

(Continua na segunda página)



## àvante!

A erecção em Lisboa, de uma grandiosa estátua glorificadora da realza de amor do SS. Coração de Jesus, é hoje mais actual ainda do que no dia em que foi lançada a idéia desta bellissima iniciativa.

Os motivos antigos de gratidão nacional e de piedade filial reparadora da honra do Senhor, redobram, não diminuiram.

Veio o Comunismo abraçar a vizinha Espanha e consumir num incêndio de ódio satânico e no meio das mais diabólicas crueldades tantos valores humanos e tantas riquezas de arte absolutamente irrecuperáveis. E Portugal não foi atingido por êle. O Senhor preservou-nos! Mal extinto ainda o rescaldo dessa guerra comunista espanhola, eis que surge a guerra mundial. Foram seis intermináveis anos de inferno, em que o ferro e o fogo deram volta ao mundo, convertendo a face da terra num cemitério de corpos e de nações. Milhões de vidas imoladas; pequenos estados e grandes impérios, vencidos, escravizados, aniquilados. E Portugal escapou do flagêlo por maneira tão maravilhosa e inesperada que o próprio Santo Padre proclamou na sua Carta de felicitação nos Centenários da nossa fundação e independência, que vivíamos numa atmosfera de milagre! Que tínhamos feito nós para o merecer? E contudo a Providência, que o recusou a nações beneméritas, não quis negá-lo à nossa pequenês!

**Como pagaremos a Deus, tão espantosa e imerecida mercê?**

Acabou a guerra e não veio ao Mundo a paz. Do próprio campo dos vencedores se ouve o pregão anunciador de novas guerras que fatalmente irão surgir da contenda em que a cobiça está a lançar, uns contra os outros, os impérios que haviam triunfado. Raça de ingratos! Não lhes veio de Deus a vitória para, agradecidos ao Senhor, o ajudarem a estabelecer firmemente no mundo a paz, sobre a base divina da jus-

(Continua na quarta página)

# A Mensageira de Cristo Rei

(Continuação da 1.ª página)

de esposa de Jesus e de vítima de holocausto pelos pecados do mundo, procurava cada um dos presentes tocar nêlo objectos de devoção para ficarem como reliquias.

Seguiu-se o exame feito pelos médicos. Averiguaram a verdade do que aos olhos parecia realidade e o era tão certa e consoladora. Logo a Madre Provincial com a Madre Prioriza e a Mestreira de Novícias do Bom Pastor de Vila-Nova-de-Gaia, admitidas a êste acto por especial concessão do ilustre Prelado português, se deram ao devoto trabalho de revestir com outro hábito novo aquêlo corpo venerando. Meteram-no depois em novo caixão de chumbo e encerraram-no em nova urna de castanho que ficou selada com o sinete do Tribunal Eclesiástico. Em seguida, em vez de o transportarem para a catacumba onde sempre estivera, sepultaram-no num sepulcro aberto no pavimento da Capela — jazigo, construída expressamente para êsse fim. Sobre a sepultura, uma lousa de mármore branco à qual ficou aparafusado o epitáfio primitivo.

Dá gôsto entrar nesta ampla e devota capela, cheia de claridade e de flores que tornam mais viva a sensação de Bemaventurança naquela região de mortos. No altar e em volta do sepulcro ardem continuamente círios de devoção, de esperança e de promessa, a acompanharem as preces dos que ali vão pelo dia adiante, em romaria que não finda, uns a rogarem favores, outros para agradecer benefícios. Maravilha da graça! Os Santos até no túmulo são fonte de vida e de consolação para o mundo! E que pregoeiros também do poder que a fidelidade à Lei de Deus, aqui na terra, lhes confere em nosso proveito lá no Céu!

Como em relicário, mais do que em jazigo de defuntos, ali ficam doravante êstes preciosos despojos, esperando a hora da glorificação que parece não haver de tardar muito, mas que todos devemos apressar com fervorosas e frequentes preces, para maior exaltação da realza do SS.<sup>mo</sup> Co, razão de Jesus e para mais vivo aumento da nossa esperança na vinda tão necessária e tão urgente do reino de Deus à terra.

## Quem era a Irmã Maria do Divino Coração

Nasceu a 8 de Setembro de 1863, na cidade alemã de Munster, na Westfália. Seus pais os Condes de Droste de Vischering, eram representantes de uma das mais ilustres e mais antigas famílias da aristocracia germânica e devotadíssima à Fé Católica. Deram à sua filha, no Baptismo, o nome de Maria Ana Joana Francisca Teresa Antônia Humberta (os nomes dos Santos todos sob cuja protecção mais especial a queriam colocar para a vida inteira) e, conforme ao costume tradicional alemão, a pequenina ficava com direito a usar do mesmo título nobiliárquico de seus pais: condessa como sua mãe.

Foi baptizada no mesmo instante em que nasceu. Dizia ela a êste propósito: «Nosso Senhor, que tencionava inspirar-me mais tarde o desejo de sofrer pela conversão dos pecadores e pelas necessidades da Santa Igreja, também me permitiu que desde a mais tenra idade sentisse a dita de ser filha da Igreja!» Aos doze anos, conforme a usança da época, fez à sua primeira Comunhão. Esperava que nesse dia Jesus a convidasse para ser só d'Ele na vocação de religiosa no Convento. Tinham-lhe dito, e com verdade, que não era muito raro as crianças ouvirem êste convite divino para a vida perfeita ou para íntimo desposório de alma com Deus na ocasião de receberem pela primeira vez o seu Senhor, na Sagrada Comunhão.

A vocação religiosa foi-lhe realmente conce-

dida, mas só passados alguns meses, no dia em que recebeu o Sacramento do Crisma. Guardou escondido no coração êste designio divino até à idade de dezanove anos. Entretanto ia recebendo, já na Casa de seus pais já nos Colégios de Religiosas, a educação e cultura que fizeram dela uma das mais ilustres figuras de mulher do seu tempo.

## Um retrato perfeito

Em Julho de 1899, um mês depois do falecimento da Irmã Maria do Divino Coração, escrevia dela, no antigo jornal católico português «A Palavra», o seu confessor que morreu Patriarca de Goa, Sr. D. Teotónio Vieira de Castro:

— «Pode afirmar-se sem receio de ilusão que a finada era na ordem psíquica um desses vultos gigantescos, que raro aparecem no correr das gerações. Tudo nela era superior e extraordinário, como reconhecem todos, principalmente os que tiveram a ventura de a tratar de perto. Parece realmente que a Divina Providência quis reünir nesta santa religiosa os dotes mais distintos, quer na ordem natural quer na sobrenatural. O seu porte era soberano e airoso, sem nada de alto ou afectado. Uma beleza angélica iluminava-lhe a fronte. Corria-lhe nas veias o sangue de uma das mais nobres famílias da Alemanha, na Westfália. Seus pais e tios ocupam lugares proeminentes no parlamento alemão, e outros tios ou parentes próximos são ornamento do Episcopado.

Inteligência muito robusta e muito lúcida, percebia de pronto o seu interlocutor, e por vezes até adivinhava o que êle lhe ocultava. Parecia profunda em quasi todos os ramos dos conhecimentos humanos, sendo-lhe igualmente fácil disertar, por exemplo, sobre teologia ou sobre arquitectura, sobre finanças ou sobre educação, compor músicas, ensinar labores, falar várias linguas vivas ou entender perfeitamente o latim.

Coração generoso e grande, aberto a tôdas as compaixões quer de casa quer de fóra, sabendo dar como ninguém o bálsamo da paz e da consolação, ou inspirar o conforto da esperança e da resignação, caracter enérgico e firme, indole bondosa e meiga, aliando muito bem os atributos de mãe e os de soberana, excepcional tino prático na arte de governar e de administrar, educação finíssima, sincera e puríssima na sua dedicação, tudo isso era a Superiora do Bom Pastor.

Naturalmente um tal conjunto de dotes superiores exercia uma atracção ou fascinação de veneração e respeito mesmo sobre aqueles que pela primeira vez a viam.

... O Sr. Cardeal D. Américo disse-me um dia: «A Superiora do Bom Pastor é uma verdadeira princesa e é uma Santa; respeito-a e estimo-a muito.» ... Um titular muito respeitável, par do reino e que já foi ministro de Estado, dizia: «Eu, quando me vejo diante daquela senhora, sinto-me pequeno».

Ainda não há um ano mandou ela dizer a uma autoridade civil superior que precisava falar-lhe. Esse alto funcionário foi ao Bom Pastor e tencionando demorar-se apenas alguns minutos, ficou de tal modo cativado que se demorou quasi duas horas conferenciando com a doente, e até sobre a solução prática que se devia dar, sob o ponto de vista económico, a assuntos de utilidade pública.

Assim sucedia com todos. O poder sugestivo da influência pessoal da humilde Superiora subjugava docemente.

O segredo, porém, dêste irresistível condão e a explicação do realce de muitos daqueles dotes naturais, está em que na falecida Superiora do Bom Pastor tudo isso era apenas o efeito e o reverber, mas pálido, da beleza sobrenatural que desde a adolescência lhe dourava a existência...

(Continua no próximo número)

# Uma estátua no mar

Quanto mais se obstina a impiedade em guerrear a Nosso Senhor Jesus Cristo procurando que as nações sejam governadas por inimigos de Deus, tanto mais, sob o impulso do Espírito Santo, persistem os amigos do Salvador do mundo em exaltar em monumentos grandiosos a Sua divina realza de Amor.

A Espanha leva a dianteira nêste consolador movimento de desagravo e de reparação.

O que ela padecia por Cristo desde Julho de 1936 a Março de 1939, naquela cruelíssima e tão satânica guerra comunista que encheu de horror a cristandade, só fez avivar-lhe imensamente mais o grande affecto com que se tinha consagrado oficialmente ao SS.<sup>mo</sup> Coração de Jesus. Verdade seja que o povo espanhol nunca perdeu a confiança nas promessas d'Ele, de que havia de reinar em Espanha com especial predilecção. Mas Ele também lhe correspondeu a esta fé no Seu Amor com uma vitória estrondosa sobre o império do comunismo, que não pode deixar de atribuir-se a milagre e grande milagre.

Que importa que a lei divina da expiação, indispensável para a concessão da misericórdia, exigisse o destronamento do Rei Afonso XIII, que tão de coração fizera aquela consagração solene e oficial do seu país, tendo a rodê-lo nêsse dia o seu governo e os representantes da

nação? Também a Job o Senhor lhe restituiu tudo, depois de tudo lhe ter tirado para o santificar na paciência.

A Espanha restituída à ordem, à liberdade e à vida pela mão daquele Senhor Jesus, sobre o qual já não tem poder a morte, sente-se ela mesma imortal e procura garantir ainda mais fortemente a sua existência — perene e feliz, proclamando seu rei eterno o SS.<sup>mo</sup> Coração de Jesus.

Dai a competência santa em que andam as Províncias espanholas de erguer nas praças públicas das grandes cidades ou no zimbório dos grandes templos ou no cimo dos pontos dominantes do território, estátuas magníficas do Sagrado Coração. No Cêro dos Anjos, perto de Madrid, onde Afonso XIII lhe consagrara a Espanha, está em construção um monumento mais grandioso do que o antigo que os Comunistas metralharam e destruíram. Em San Sebastian, dizem notícias recentes que tem já aprovação da Academia de Belas Artes e do Colégio dos Arquitectos o projecto da estátua do Divino Coração a erguer na cidade. Agora acabamos de ler em «El Mensajero del Corazon de Jesus», de Junho último, que o Apostolado da Oração de Sevilha

(Continua na quarta página)



